

Debate reúne cineastas e políticos

MARIA DO RÓSÁRIO CAETANO
Enviada especial

Gramado — O Fórum da Retomada do Cinema Brasileiro, que reuniu cineastas e autoridades, por pouco não se transformou no samba do 'crioulo-doido'. Afinal, a única atividade voltada para o debate da política do audiovisual, realizada dentro do XXI Festival de Gramado — Cinema Latino, misturou vaias, polêmica e reclamações. O primeiro a falar foi o prefeito de Gramado, Pedro Bertolucci. Em seguida falou o governador Joaquim Roriz, que narrou as realizações do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, dando ênfase a dois pontos: "O único longa brasileiro presente na mostra competitiva de Gramado, Capitalismo Selvagem, foi concluído com apoio do Pólo brasiliense" e "a emoção de assistir, em Paracatu, ao início das filmagens de A Terceira Margem do Rio, que marcou a volta de Nélson Pereira dos Santos ao cinema, depois de sete anos". O governador lembrou, ainda, sua "emoção ao receber Nélson e equipe na sede do Pólo de Cinema e Vídeo, em Sobradinho, onde realizou mais de metade de seu filme, agora em fase de finalização".

Roriz teve que regressar, em seguida, a Brasília. Na mesa, permaneceu o secretário de Cultura, Fernando Lemos, que prometeu a liberação de recursos, ainda este ano, para aquisição de equipamentos.

Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre, apresentou projetos do Executivo municipal e lembrou que "dos oito curtas que representam o Estado, no Festival deste ano, quatro contaram com o apoio da Prefeitura". O caldo entornou quando



Alceu Collares, governador do RS, começou a discursar. Sem nenhuma realização na área audiovisual, ele falou muito e, segundo os cineastas gaúchos, "não disse nada". Quando concluiu seu discurso, foi vaiado. Retrucou na hora: "as rezas berram no campo porque não sabem falar. Me causa espanto que, num ambiente público e democrático, pessoas usem deste recurso, o berro, e não do diálogo". A vaia voltou, desta vez mais firme. Collares saiu em seguida.

Polêmica — O ministro da Cultura, Antônio Houaiss, foi o responsável indireto pela colocação do tema que mais causou polêmica no debate: o lançamento de uma coleção de vídeos preparada pela Cinemateca Brasileira, contendo os 10 primeiros títulos, entre 30, considerados "os mais representativos do cinema brasileiro".

O produtor Luiz Carlos Barreto não gostou da lista, nem da premiação da Carteira de Cinema do Banespa, tema que vai e volta nos debates aqui em Gramado. Por causa das críticas, o governador Luiz Antônio Fleury não apareceu, nem mandou representante. Também não compareceram (nem mandaram representante) os governadores Albuíno Azeredo, do ES, e Ciro Gomes, do Ceará.

Barretão, produtor de Dona Flor e Seus Dois Maridos, começou animado sua longa intervenção no debate. Elogiou a Lei do Audiovisual, "a verdadeira carta de al-

forria do cinema brasileiro", lembrou encontro de cinematografias independentes no México, lamentou a demora na criação do Conselho Nacional de Comunicação. E, afi, desandou a reclamar. Criticou o Banespa, que "preteriu os produtores em seu primeiro concurso", e desceu o pau na lista de filmes transformados em vídeo para divulgar a imagem do Brasil no exterior. "Isto é coisa de cinéfilo, de cíne-matequeiro. É coisa de Calil (referência a Carlos Augusto Calil, ex-presidente da Cinemateca Brasileira). Esta lista privilegia títulos de vanguarda, o cinema experimental, que é necessário, mas não é o único. Por que Gaijin, de Tisuka Yamazaki, ficou de fora?" Por modéstia, não lamentou a ausência de Dona Flor e Seus Dois Maridos. Norma Bengell cumpriu esta função por ele.

Sérgio Telles defendeu o Itamaraty, lembrando que a pasta apenas difunde a imagem do Brasil no exterior, não lhe cabendo selecionar filmes ou vídeos. "Essa tarefa" — assegurou — "pertence aos quadros técnicos".

De pouco adiantou explicar que os filmes lançados em vídeo na coleção Clássicos do Cinema Brasileiro foram escolhidos por 80 críticos e pesquisadores, tendo Carlos Augusto Calil apenas como coordenador-geral. Com pouco dinheiro e acirradas disputas em concursos como os promovidos pela Pólo do DF, Banespa, Riofilmes e agora MinC, os ânimos dos produtores e cineastas brasileiros estão acirrados. Por isto, antes de deixar o debate, Barretão ponderou: "Temos que decidir se o Brasil deseja continuar sendo apenas uma colônia audiovisual".